

T036

# As perspectivas do teatro capixaba para 78

Texto de Edvaldo dos Anjos

Após a reunião de sexta-feira com atores, diretores e autores do teatro capixaba, a Fundação Cultural estabeleceu os seguintes planos para a temporada de 1978, alguns dos quais discutidos e decididos no encontro:

— A Fundação só patrocinará grupos que estejam filiados à Federação Capixaba de Teatro Amador. Prestigiará a Fecata em todos os sentidos.

— Para conceder patrocínios, a Fundação submeterá o projeto da montagem não só a uma avaliação orçamentária para fixação da verba, como a um julgamento de qualidade, a cargo de uma comissão composta por funcionários e convidados da FCES.

— A Fundação decidirá o local de encenação de acordo com as exigências do espetáculo, mas não promete conceder salas para ensaios, podendo apenas usar seu prestígio para auxiliar grupos em

pedidos junto a grupos escolares, etc.

— A Fundação promete garantir permanência em cartaz do espetáculo capixaba que fizer sucesso de bilheteria. Para tanto, promete elaborar uma agenda mais flexível para seus teatros em 1978, principalmente o Carlos Gomes.

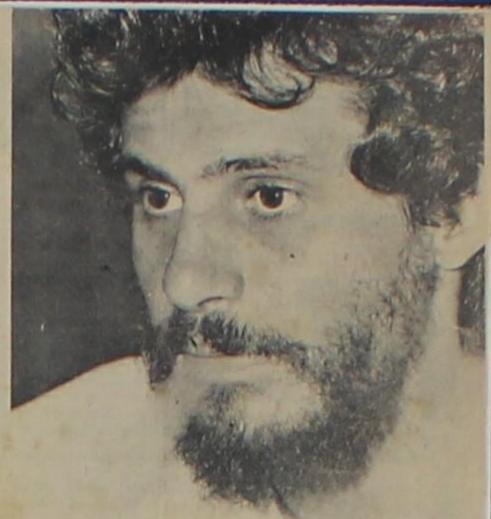
— A Fundação promoverá vários cursos este ano. Os específicos da área teatral serão para membros de grupos registrados na Fecata, os de tema mais geral serão abertos a todos, ministrados por profissionais de fora e artistas capixabas com experiência. Retomando a experiência didática do Teatro-Estúdio, serão promovidos cursos de cerca de três meses para membros de grupos registrados, com professores de Vitória, pagamento de taxa simbólica, exigência de frequência e oferta de diploma.

— Para breve, talvez, em março, será promovido um seminário sobre teatro brasileiro

fom do eixo Rio-São Paulo, com a participação de Amir Haddad, e apoio do SNT. A idéia da Fundação Cultural é desmembrar a reunião de sexta-feira, quando foi iniciado um tumultuado debate sobre os problemas enfrentados pelo teatro amador em Vitória, de resto semelhantes em todo país, num seminário.

— Em setembro, será realizado um festival, ou seja, um concurso de peças de autores capixabas, nos moldes do já realizado há alguns anos promovido por Milton Henriques. O plano é fazer mais uma mostra, para evitar competição.

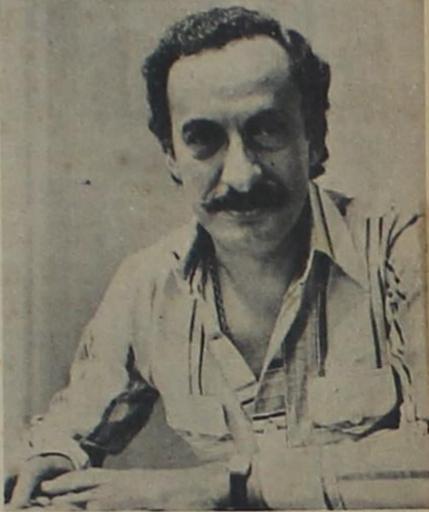
— A Coordenação de Teatro da Fundação está colocando à disposição de grupos filiados à Fecata cerca de 30 peças de autores brasileiros cujos textos foram editados pelo SNT, sugerindo montagens diversas. Os grupos já inscritos podem procurar a Fundação para escolher uma peça a ser montada.



Tadeu: primeiro, filiação à Fecata

## Marien: "Pretendemos fazer um trabalho inicial"

O que Marien Calixte disse na abertura da reunião: "Um dos objetivos da Fundação Cultural este ano é organizar, incentivar, promover e fazer alguma coisa para que em Vitória, Vila Velha, Cariacica, enfim no Estado do Espírito Santo, se possa ter um movimento de teatro. Quando a gente fala em movimento de teatro, fala exatamente que se deveria organizar em termos, não profissionais, pois isso é sonho muito alto para Vitória, uma cidade que não tem nenhuma ambientação artística, não é nem teatral, ambientação cultural pelo menos semiprofissionais. Para vocês terem uma idéia disso, ano passado conseguimos com o Serviço Nacional de Teatro uma verba de Cr\$ 100 mil para dividir entre cinco espetáculos. Dois deles, por não estarem organizados, ou seja, não terem uma pequena empresa, um grupo organizado, com um nome, deixaram de ganhar essa ajuda, facilitada. Deixaram de ganhar por falta de uma organização simples, burocrática, chata, mas que existe em qualquer organização profissional, em qualquer parte do mundo, em qualquer regime. Então, por causa disso, hoje o Serviço Nacional de Teatro questiona a gente: por que aumentar a verba do teatro no Espírito Santo se lá a gente dá cem e eles se dão ao luxo de devolver quarenta? Isso é um exemplo. Devolver dinheiro em serviço público é relativamente uma coisa desastrosa, porque você devolve e eles lá raciocinam que você não precisa. Não precisa este ano, não precisa no próximo... O que tem havido no ambiente de teatro, e eu não estou falando com uma pessoa que está fora de teatro, porque fui o primeiro diretor do Teatro Carlos Gomes, vivi sempre esse ambiente de teatro, embora o Tadeu seja o dono da festa aqui, mas eu gostaria de lhes falar sobre isso, porque estou



Marien promete renda líquida para os grupos

ção, interessada em seu próprio trabalho, em fazer alguma coisa. Luiz Tadeu Teixeira, que é ator, diretor, produtor, cenógrafo, é tudo... foi uma das primeiras pessoas que receberam ajuda da Fundação Cultural em 1970. Fez um curso fora do Espírito Santo... Marien Calixte, diretor-presidente da Fundação Cultural, está assumindo exatamente neste mês. Então ele está precisando dialogar com vocês, para saber o pensamento e poder tirar disso o fruto para um trabalho neste ano e que possa talvez, quem sabe, usar isso para um futuro muito próximo. Esse é, sinceramente, o objetivo. Agora não temos objetivos de gratidão, mas o objetivo sincero de fazer alguma coisa que seja pelo menos o início. Temos algum dinheiro, boa vontade, obrigação, temos dois teatros pelo menos, esse aqui, bastante razoável, o Teatro Carlos Gomes, temos a possibilidade de um convênio com o Teatro da SCAV, temos o projeto do teatro de arena, enfim temos alguma chance; temos os bairros, os municípios, então, em cima disso, vamos raciocinar, vamos, pelo amor de Deus, fazer alguma coisa que seja em favor, não é da Fundação Cultural, não, é de vocês".

Durante a reunião, Marien voltou a falar: "Eu só posso falar daquilo que posso fazer, dos meus limites, e eu os conheço claramente. Cada grupo de teatro que ia fazer uma peça em Vitória, acontecia o seguinte: levava a peça para a Fundação, a Fundação dava ou não o dinheiro, montava-se o espetáculo e a Fundação Cultural retirava dali o líquido e pagava alguma coisa ao grupo. Parece-me que este é o raciocínio e era o que existia. Nossa intenção é a seguinte: nosso programa inicial, Tadeu sabe disso, foi a primeira coisa que conversamos há dois meses. A Fundação vai receber o grupo, a proposta do grupo e irá ver se vai montar ou não o espetáculo. Montado, a Fundação ajudará ao grupo, à produção, independente de SNT, que é outro tipo de ajuda, outro tipo de estímulo, que é muito maior, é esse que nós tivemos no ano passado. A Fundação então ajuda a produção, e ao se apresentar o espetáculo, da renda bruta, ou seja, de toda renda que sai da bilheteria, a Fundação paga o direito autoral, que qualquer um pagaria, isto é uma obrigação de lei, e o líquido é todo destinado ao grupo, a Fundação não ficará com um tostão sequer. Uma produção tem um custo. Digamos, hipoteticamente, 10 mil cruzeiros, que é um custo sofrível, razoável. A Fundação entraria com quanto? Dependendo do que ela pode fazer, pode entrar com dinheiro, com marceneiro, madeira, prego, pintura, coisas para as quais você não precisaria ir ao mercado para levantar preço, andar em Cariacica, Serra, para ver quanto está custando a madeira, tinta, pano, mil coisas que uma produção exige. Então, a Fundação pode entrar com cinquenta por cento, quarenta, trinta. Isso é uma coisa que em cada espetáculo haverá um tratamento".

hoje podemos tirar o fruto, exemplos, definições, que podem levar a Fundação a fazer um trabalho importante, um trabalho inicial. Não sei, isso vai depender de todos nós. O objetivo é fazer com que todos se congreguem em grupos, se organizem, que até aqui, parece, temos vivido um clima de pessimismo, ou seja: vamos ceder o Teatro-Estúdio, o Teatro Carlos Gomes, o teatro tal, a casa tal, a renda x, o fulano que é amigo, é mais inteligente ou porque um curso não sei onde... O importante no profissional é que ele seja um profissional e participe, evidentemente, em apoio a um sistema. Isso é um assunto nacional, não é do Espírito Santo, não é capixaba. Não adianta nada, sinceramente, fulano de tal fazer um esforço em V. Velha, outro em Cariacica, em Viana, em Cachoeira, em Colatina e ficar isolado, brigando por isso. É importante que isso seja um trabalho comunitário, que é a palavra mais usada atualmente e que é uma verdade do nosso tempo. Se não se fizer isso vai ficar difícil para a Fundação, cuja verba, cuja manutenção financeira, é serviço público — é preciso que se entenda isso bem claro — e em cima disso, a gente tem que raciocinar processo, protocolo, autoridade, verba, CGC, CPF, carteira de identidade, uma série de coisas que é chatíssimo conversar. É um assunto chato, dá sono, ninguém gosta, mas é só dessa forma que se consegue realmente organizar. Se não for dessa forma, realmente fica difícil. Todavia, ano passado, três grupos teatrais conseguiram, com simples informações burocráticas, receber cada um 20 mil cruzeiros. Não foi tão trabalhoso assim e esta é a pretensão que queremos, primordialmente, porque temos outros assuntos e gostaríamos de abrir o jogo com vocês. Que vocês opinassem também, de uma maneira tranquila, para evitar tumulto. Não adianta 200 terem 200 idéias. É importante que haja uma idéia que consiga pelo menos agregar a maioria. A gente sabe de cor e salteado que fazer unidade entre intelectuais — e o autor, o ator, o diretor é um intelectual — é a coisa mais impossível do mundo, isso em qualquer parte do universo, mas a gente vai tentar conciliar um pouco e tentar com isso tirar uma experiência daqui para se fazer um pequeno sistema. Gostaria de chamar atenção para um aspecto: esta diretoria da Fundação tem um ano de trabalho, ou seja, 1978. Então, não podemos, por uma questão evidente, de bom senso, fazer promessas referentes ao próximo ano, daqui a dez anos, etc. Vamos tentar fazer um trabalho para que o fruto dele possa ajudar os próximos anos, a quem vier pela frente, seja a manutenção de alguma coisa. Até aqui a Fundação tem procurado ajudar, participar, de alguma forma. Acho que tem feito muito mais coisas boas do que mesmo defeitos, senão muita gente não estaria aqui interessada na Fundação,

# DOIS

VITÓRIA (ES), TERÇA-FEIRA, 21 DE FEVEREIRO DE 1978

## Tadeu pede aos grupos que se organizem

O que Luiz Tadeu Teixeira, novo coordenador de Teatro da Fundação, falou no início da reunião:

"Os pontos principais, o Marien já tocou. A partir disso é que a coisa toda evolui. A gente não pode esquecer que o teatro é uma arte coletiva. Não é igual escrever um poema ou pintar um quadro. A gente tem que trabalhar em grupo. E o problema todo do teatro no Espírito Santo é que simplesmente os grupos não existem ou, se existem, parece que não existem. Estive no Rio recentemente e está havendo uma promoção chamada Projeto Mambembão. Espetáculos do Brasil, do interior, Maranhão, Bahia, Pernambuco, Santa Catarina, estão sendo apresentados no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Brasília, espetáculos amadores e profissionais, patrocinados pelo Serviço Nacional de Teatro, com tudo pago, passagens, hospedagem, alimentação e mais a bilheteria, que é dos grupos. Apesar de a gente ter aqui um movimento, embora caótico e dispersivo, bastante latente — tanto é que no ano passado foram montadas dezesseis peças em Vitória — não vemos nenhum espetáculo do Espírito Santo incluído nesse Projeto Mambembão. Santa Catarina, que é um Estado onde não existia teatro, temos aqui o Carlos Gomes, em Santa Catarina não existe um Carlos Gomes, existem auditórios, como esse aqui, coisas domésticas, teatrinhos domésticos, piores do que esse aqui, salas onde as pessoas se reúnem; não tem uma Fundação Cultural. Existem dois espetáculos de Santa Catarina incluídos no Projeto Mambembão. Vi vários espetáculos e, dos que eu vi, sinceramente — não vi todos, acredito que há coisas boas, mas acho que o pior nosso do ano passado é melhor dos que eu vi, sinceramente. Então, a gente fica num impasse, não é? Por que a gente não tem grupos que desenvolvam um trabalho, um repertório? Não tem grupo com repertório. A gente tem o grupo Geração, que é o que mais se movimenta, mas que é Toninho Neves, em termos, não é? Quer dizer, existiu há dez anos, depois voltou a existir com Toninho Neves. E outros grupos, que ensaiam e tal... não chegam a... o meu grupo mesmo, quer dizer, da SCAV, iniciou-se num processo para chegar... ele não acabou. Então, acho que o ponto básico é esse: acho que a gente tem que ter grupos, que possam desenvolver uma linha de trabalho definida, possa criar um repertório, e não ficar em experiências... Fulano resolve montar uma peça reúne o pessoal, faz uma peça, acabaram aquelas 4,5 apresentações, todo mundo se separa, começa a ensaiar outra, passam seis meses, aí apresentam outra... quer dizer, as peças se perdem, ninguém cria um repertório. Tem um grupo em Pernambuco que está fazendo 30 anos de existência. Depois de todo esse tempo, têm o seu próprio teatro, muito bem equipado, eles até hoje reprisam peças, às vezes muda um ator e tal, mas têm um repertório. De repente, se são convidados para ir se apresentar no Amazonas, têm alguma coisa para levar. Eles têm uma linha, pode ser discutível, de trabalho, têm um repertório. Quer dizer, você tendo uma peça pode levar, não necessariamente no Carlos Gomes, mas você tem escolas, cinemas pelo interior, a gente tem que criar o mercado da gente.

Não é ficar esperando que a Fundação resolva o problema das pessoas. Não é todo Estado que tem fundação. Até 1969, a Fundação existe há sete anos, antes disso foi feito teatro aqui no Espírito Santo. Ocorre-me que naquele debate que houve em A GAZETA, as pessoas falaram que, a partir da criação da Fundação, quem faz teatro começou a esperar da Fundação aquele paternalismo, a super mãe do teatro. Acho que o papel da Fundação é de orientação quem tem que fazer as coisas são as pessoas, ninguém vá esperar que a Fundação, o SNT, dêem dinheiro para fazer as coisas; tem que criar, começa com uma peça de duas pessoas, faz num colégio, numa escola, num cinema de Jardim América, para criar; daí pode partir para o profissionalismo. Não se pode, de repente, chegar ao profissionalismo. Para haver o profissionalismo, precisa haver um amadorismo. Amadorismo não é sinônimo de incompetência, de irresponsabilidade. Quem é amador faz por amor, as pessoas têm um conceito, geralmente as de fora, o grande público, de que amador não presta, é coisa suja. Isso é um engano. Tem espetáculos amadores que são melhores do que muitos profissionais. A partir do amadorismo responsável é que se chega ao semiprofissionalismo, que é o sistema de cooperativas e daí parte-se para o profissionalismo. A gente tem que trabalhar com objetivos. Problema de grupo é um problema sempre muito sério, porque as pessoas têm suas individualidades e gostam de preservar, mas se elas se dispõem a fazer teatro, acho que têm que perder um pouco desse egoísmo de idéias próprias e juntar as coisas, procurar conciliar, neuróticos todo mundo tem, conflitos todo mundo tem. Agora, a gente já é uma classe, em termos assim gerais, marginalizada. Se a gente se marginalizar entre si, aí é que a coisa não anda mesmo. Então, acho que a gente tem que procurar criar esse sistema de grupos, adotar os grupos como uma coisa a ser realmente determinada.

O sonho de todo mundo é o profissionalismo. E a gente fazer o que gosta, viver daquilo que a gente faz, pelo menos. E esse sonho de profissionalismo não existe só no Rio de Janeiro. Em Porto Alegre — tem três espetáculos do Rio Grande do Sul no Projeto Mambembão, dois deles são profissionais. O Rio Grande do Sul tem 28 empresas teatrais; Maranhão tem três; Pernambuco tem cinco; Bahia tem oito. Quer dizer, as pessoas criaram seu mercado. A gente tem que partir para isso. Estou falando mais com uma pessoa ligada ao teatro, menos como coordenadora da Fundação, porque esse é um cargo transitório, não vou ficar a vida inteira nele. Estou no mesmo barco que vocês. Meu lugar é no palco, fazendo qualquer coisa. Então, em termos objetivos, o que a gente pode fazer neste ano que temos pela frente? Em termos objetivos, a questão dos grupos existirem acho que é fundamental. Coloquei isso porque aquele critério... o edital do SNT que ofereceu patrocínio aos espetáculos no ano passado foi feito de uma maneira que este ano não será a mesma. Eles engoliram aquela fórmula de a Fundação encampar as propostas dos grupos, já que não tinham nenhuma firma, nenhuma empresa teatral e nenhum grupo registrado, como era o primeiro edital que mandavam para o Espírito Santo, eles aceitaram que a Fundação emprestasse seu CGC para que a gente pudesse receber essa verba. Mas eles não vão fazer mais isso. Então, é fundamental, se a gente quiser receber alguma ajuda, que existam os grupos registrados na Federação Capixaba de Teatro Amador, com toda a papelada. Temos o Antonio Rosa, presidente da Fecata, que é uma pessoa que está aberta a toda orientação. Nós também nos colocamos à disposição lá na Fundação para prestar toda orientação necessária aos grupos para que eles transsem essa papelada".

## Um diálogo tumultuado

Com a surpreendente presença de mais de cem pessoas, a Fundação Cultural do Estado reuniu sexta-feira à noite no Teatro-Estúdio, atores, diretores e autores do teatro capixaba para apresentação do novo coordenador da área na FCES, Luiz Tadeu Teixeira e dos planos do órgão para este ano. Marien Calixte, diretor-presidente da Fundação, abriu a reunião falando durante vinte minutos, seguido de Luiz Tadeu. Logo depois começou um debate tumultuado, que mudou os objetivos da reunião, abarcando a alguns presentes, mas que ao final, depois de quase três horas de conversa, mostrou-se útil por revelar a disposição e necessidade de muitos em participar do movimento teatral no Estado. Embora muitos tenham se retirado antes da reunião acabar, ficou evidente o desejo de participação. Através de seus dois representantes, a Fundação Cultural fez um principal pedido: que os grupos se organizem para receber ajuda. É a exigência básica para tanto é filiação à Federação Capixaba de Teatro Amador (a documentação exigida dá uma despesa de cerca de mil cruzeiros, no momento, fregio de classes privado não pensado e que só conta com dois filiados até agora — um grupo do município de Montanha e outro do bairro de Arbil. Sem o registro na Federação, os grupos não se beneficiarão em nada por parte da Fundação.

Anteriormente para distribuir entre todos (perguntas em tom de participação no movimento teatral, incluindo sugestões e opiniões pessoais), mas não deu para quem quis. Logo depois de Marien Calixte e Luiz Tadeu terem falado, e da rápida intervenção de uma moça que acaba de se transferir para Vitória, falando de sua experiência teatral em Volta Redonda, "onde todos estavam robotizados pelo O Astro", o tumulto na reunião começou com Joelson Fernandes. Sentado na primeira fila, ele se dispôs a falar inicialmente sobre "o que é a Fundação Cultural para o teatro no Espírito Santo", no que foi logo interrompido por Tadeu. Este alegava que não interessava discutir o passado, mas o presente e o futuro. "Não viemos aqui para criticar o que a Fundação fez de errado", tentava argumentar Tadeu, porém Joelson prosseguiu em suas críticas, com a aquiescência da platéia. Tadeu não concordava com a atitude de Joelson e o próprio diretor-presidente da Fundação tentou intervir em seu auxílio, dizendo a Joelson: "Já sei o que você vai dizer", ao que recebeu como resposta imediata: "Não sabe, não, porque ainda não disse". A platéia, ansiosa, gostou disso, risu muito e aplaudiu. O ambiente se documentou em poucos, mas a discordância entre Joelson e Tadeu prosseguiu. "Nosso teatro não existe, existe um silêncio infernal em promoções e tudo", começou a falar Joelson, acrescentando: "O que é a Fundação Cultural aqui no Espírito Santo? É para incentivar os grupos locais ou não? Ela não tem

incentivado". Palmas da platéia e gritos de "muito bem". Joelson agradece: "Estou virando líder". Tadeu tentava convencer Joelson a esperar o momento do debate. Em vão. A medida que o impasse prosseguia lá na frente, alguns espectadores iam se impacientando. Joelson insistia em criticar a política teatral da Fundação Cultural. A reunião não havia sido convocada para isso. "Não vou responder pelo passado, nem Marien", dizia Tadeu. Joelson começava a demonstrar nervosismo, as suas críticas e, quando elogiou Milton Henriques, "único que luta para fazer teatro aqui", foi novamente aplaudido. Confusão geral. Marien gritou "já é hora", para cortar as conversas paralelas. Nervosamente, Joelson referiu-se a uma "briga que eu tenho com esta Fundação Cultural", dando a entender aos demais a necessidade de que tinha de fazer críticas. Também, enquanto alguns podiam para ir, Joelson concluiu o pensamento e encorajou a platéia. Lá atrás, Antonio Carlos Neves interrompeu para dizer: "Estamos aqui para saber o que a gente, qual da Fundação pretende fazer pelo teatro capixaba", mas Joelson insistia em altos brados a "completar a idéia, sendo ninguém vai saber o que está acontecendo com o teatro no Espírito Santo". Logo que acabou de falar, Joelson foi imediatamente interrompido por Marien Fernandes, que acusou de ser contradição, ao atacar e defender ao mesmo tempo o paternalismo da Fundação

Cultural sobre os grupos. Outra intervenção, depois que o debate a esta altura já estava forçosamente aberto, partiu do marido de Rosilda, que tentava colocar ordem na reunião, dizendo que se a Fundação obedecesse a ordem para fazer os grupos, o projeto tinha uma proposta concreta a fazer aos grupos. Marien dizia: "Vamos organizar o time para ver se a gente vence o jogo. Quem quer falar?" "Tomou a palavra Clério José, em nome do município de Vila Velha, queixando-se do tumulto e falando nas possibilidades do teatro comunitário. Refere-se a Assis Pamplona, diretor de teatro, como seu grande orientador. Palmas e novo tumulto. Um jovem pede a palavra e acusa Joelson de contradição. "O negócio é unir", disse, Antonio Carlos Neves levanta e diz: "Vou tentar ser breve, dizer apenas três coisas antes de ir embora. Primeira é com relação ao paternalismo. Acho que o paternalismo é um problema pessoal. Quem quiser aceitar o paternalismo assim citado com relação à Fundação, que aceite. Quem não quiser, não precisa aceitar, e pode fazer seus grupos, seus espetáculos à parte e tudo o mais. Segundo é que eu acho que não existe paternalismo da Fundação. Pelo contrário: acho que a gente tem até que pagar, de certa forma, à Fundação, espero que de agora em diante não, mas até agora tínhamos que pagar para fazer teatro aqui em Vitória. Então, acho que não existe paternalismo, pelo contrário. E terceiro, espero que esta reunião realmente se modifique, se transfira

me realmente numa reunião. Eu, realmente, me despeço aqui, não venho mais à reunião de teatro, porque é sempre a mesma coisa, o mesmo problema, as mesmas brincadeiras e, no fundo, não se resolve nada". Palmas, enquanto Marien Calixte pedia a Antonio Carlos: "Pediria a você, que é um incentivador do teatro capixaba e um profissional, que se aguardasse um pouco mais". Marien começa a falar, pedindo calma, para que as coisas se conduzissem "com mais dinâmica e com mais interesse talvez global". Antonio Carlos responde: "Vimos aqui convidados pela Fundação para ouvir o que ela tem a dizer. Não tem sentido começar o debate antes disso".

Dal em diante, depois que Marien começou a falar dos planos da Fundação, a reunião passa a ser mais organizada. A medida que os pontos de interesse geral dos grupos iam sendo abordados, as intervenções se registravam. Muitos falaram: Bob de Paula, Darcy Barbosa, José Luiz Gobbi, Renato Saudino, Maria Ribeiro, um representante de Montanha, Laura Lustosa, Sebastião Carneiro, uma atriz da montagem universitária de O Maranhão, Vera Viana, entre outros. Dois temas muito discutidos: a filiação obrigatória à Fecata — muitos alegaram que não conseguiriam arranjar mil cruzeiros para as despesas — e a questão de julgamento do nível artístico que a Fundação pretende fazer de cada proposta de montagem. Os critérios serão sempre subjetivos.